

Formando e se Transformando no Cantar: dois estudos de caso¹

Ana Claudia Specht
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
anaspecht1@gmail.com

Resumo: O presente artigo apresenta uma pesquisa de doutorado que buscou a reflexão sobre a formação do cantar no cotidiano. O olhar investigativo está sobre a formação do cantar, que se modifica a partir das relações que o sujeito cantante estabelece com a sua voz e para além de sua emissão vocal. A pesquisa adotou o estudo de caso, como método investigativo, para abordar o cantar de dois sujeitos interessados em relatar o seu percurso de formação. A coleta de dados integrou materiais diversos cedidos pelos participantes, gravações de áudio de observações e entrevistas abertas. O foco de análise privilegiou a captura de cantares (passados, presentes e expectativas futuras) e espaços nos quais os sujeitos cantantes circulam, trabalham, vivenciam e experimentam o seu cantar. Essas histórias foram descritas visando ao desvelar do canto vinculado às experiências de vida na perspectiva teórica de Josso (2004) e no cantar diário à luz da sociologia do cotidiano de Pais (2003). Os resultados desta pesquisa revelam trajetórias individuais de um saber fazer [cantar] que é/foi apreendido e aprimorado nas experiências de vida e no aqui e agora em que o cantar soa. É nesse contar [estudos de caso] que os sujeitos cantantes apresentam os processos de formação, as estratégias e formas de lidar, relacionar, conhecer e aprender. O presente estudo contribui para as reflexões sobre a aprendizagem e o ensino do canto, oferecendo subsídios para a formação de professores nesta área.

Palavras-chave: Canto. Formação. Sociologia do cotidiano.

Introdução

Formando e se transformando no cantar são palavras que compõe o tema desta pesquisa, tem linhas de muitos tempos, de muitas vivências, experiências e estudos. Tem muitas cores e tipos de linhas. Cada cor e cada linha revela uma história. A formação do cantar é a trama² que busco tecer com as linhas que compõem e transformam o sujeito. E o cantar é o tecido invisível que envolve trajetórias, vivências e formas de ser, soar e silenciar.

¹Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS, em 2015, sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Jusamara Souza.

²A escrita da tese foi inspirada em: Bianchetti e Meksenas (2008) e Mills (1982).

O objeto desta pesquisa é investigar a relação³ ou as relações que os sujeitos cantantes⁴ têm com o seu cantar, os espaços onde soam, como se percebem e como são percebidos. O foco não é o cantar em sua ação sonora. Dessa forma, o maior desafio esteve em não deixar que a sonoridade da voz cantada seduzisse. Pois não pretendia abordar questões somente musicológicas, ou somente cognitivas, ou somente técnicas. Eu queria desvelar a formação do cantar sem desestruturá-lo ou separar o cantar do sujeito cantante. Foi um desafio criativo capturar para além da palavra dos sujeitos cantantes, além do método de canto, além da performance no palco e além do cantar que eu ouvia.

O olhar e as reflexões percorreram a trajetória de Renata⁵ e Adriano⁶ que compuseram os dois estudos de caso desta tese. Foi importante olhar para duas pessoas que não conseguem imaginar-se sem a possibilidade de emitir e modular sons. Para elas, cantar é a vida, é o que dá sentido à vida, às suas escolhas, ao que adquirem e, principalmente, ao que representam. O que significa “cantar” não é consciente e dizível. Porém, é brilhante e apaixonante olhar para o fugidio espaço de tempo que o cantar ocupa na vida dessas duas pessoas.

O percurso teórico-metodológico

Nessa pesquisa, meu olhar míope... vagueou!

A formação do pesquisador – que quer imergir na pesquisa qualitativa⁷ – que se debruça sobre a formação do cantar não está em sua compreensão sobre o canto, sobre a técnica vocal, sobre a performance do cantor. A caminhada inicial está no ajuste do olhar, está em como esse pesquisador vai olhar para a formação do cantar.

³ A palavra “relação” apresenta muitos significados, dependendo do contexto em que é aplicada. Nesta escrita, ela fará alusão às inúmeras formas como cada pessoa [leia-se: sujeito] relaciona-se com a própria voz cantada, sem especificar o tipo de relação.

⁴ Pode ser sinônimo de cantor. No texto, prevalecerá a expressão “sujeito cantante” devido ao alinhavo reflexivo e teórico da pesquisa; porém, em alguns momentos, a palavra “cantor” será retomada para localizar o leitor e caracterizar principalmente o fazer profissional da pesquisadora e dos sujeitos dos estudos de caso.

⁵ Nome real do sujeito de pesquisa (estudo de caso 1)

⁶ Nome real do sujeito de pesquisa (estudo de caso 2)

⁷ Autores que fundamentaram o percurso metodológico da tese: Bondan e Biklen (1994); Flick (2009); Minayo (2011); Stake (2011); Yin (2010).

Norte teórico

Como norte teórico desta pesquisa, tomei a sociologia do cotidiano como um caminho no qual, segundo Pais (2003, p. 31), “Os conceitos e teorias devem entender-se como instrumentos metodológicos de investigação ao serviço da capacidade criadora de quem pesquisa”.

Os significantes mais do que os significados, juntando-os como quem junta pequenas peças de sentido num sentido mais amplo: como se fosse uma sociologia passeante, que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem, contudo, neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando “nada se passa”. [...] Neste percurso de “trespasse”, a sociologia do cotidiano corresponde mais uma perspectiva metodológica do que a um esforço de teorização.

Observei que, no instante em que são projetados pela boca, os sons que compõem uma voz (falada ou cantada) não mais pertencerão a esse corpo. Os sons que se perdem ou se integram a um novo espaço externo são sons internos impregnados de coisas que esse mesmo corpo abriga, pois nesse corpo que produz sons habita um sujeito que, por hábito ou opção, circula no mesmo espaço em que ecoa o seu cantar. Então, o cantar externa o que é interno, transforma o externo para reelaborar o interno. O ressoar é cíclico. Isso pode ser o início de um novo cantar, um cantar que se transforma no cotidiano.

Cantar é o som vivo que sai do corpo e que a ele não pertence mais, pois passará agora a pertencer a uma paisagem sonora definida e construída pelo cotidiano que contextualiza nossas vivências e experiências. Nesta perspectiva a formação do cantar está ligada a uma construção individual e social. É uma formação individual que agrega e também se modifica a partir das relações que o sujeito cantante estabelece com e para além de sua emissão vocal.

Também penso a formação desses sujeitos cantantes a partir da abordagem biográfica proposta por Josso (2004, p. 38), que apresenta “uma abordagem das aprendizagens experienciais a partir do que nos dizem as narrativas de formação que servem de material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem”.

Pensar a formação do cantar, do ponto de vista do sujeito cantante, é ouvir o seu cantar? Ou é ouvir o seu contar? Nesta pesquisa, lidei com ambos, porém de forma mais intensa com o ouvir o contar sobre o cantar. Nesse caso, foi importante levar em conta que “a socialização da autodescrição de um caminho [aqui, as trajetórias do cantar], com as suas continuidades e rupturas, envolve igualmente competências verbais e intelectuais que estão na fronteira entre o individual e o coletivo” (Josso, 2004, p. 39).

Percebi que eu precisava direcionar a minha escuta para as histórias faladas sobre o cantar e dar atenção às sequências e rupturas das trajetórias do cantar dos sujeitos cantantes desta pesquisa. Então me aproximei mais uma vez das ideias de Josso sobre a formação do ponto de vista do sujeito cantante, que “depende fundamentalmente das características sociais, culturais, psicológicas do aprendente e, é claro, da sua história familiar e pessoal” (JOSSO, 2005, p. 118).

Estudo de Caso

Pensando em como olhar para a formação do cantar no cotidiano, foram escolhidos dois estudos de caso: dois sujeitos cantantes. Por se tratar de dois cantores (e, portanto, de dois casos), optei pela realização de estudos de multicasos. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), as características e os princípios dos estudos multicasos são os mesmos do estudo de caso, ou seja, estuda-se a unidade de maneira aprofundada.

Para investigar o cantar individual, minha pesquisa necessitava de sujeitos cantantes que estariam dispostos a olhar para o próprio cantar e refletir sobre ele, ou simplesmente deixar que eu olhasse e me debruçasse sobre esse fazer.

Os dois sujeitos da pesquisa, os dois estudos de caso são: a professora de ensino fundamental e cantora Renata e o cantor e instrumentista Adriano. Eram meus alunos de técnica vocal, e em seus relatos ambos explicitam que não conseguem imaginar-se sem a possibilidade de cantar.

Renata e Adriano tinham algumas coisas em comum para o desenvolvimento da pesquisa: Ambos cantavam profissionalmente; apresentavam um bom desempenho vocal (cada um no seu estilo musical); estavam retomando as aulas de técnica vocal comigo, em função de estresse vocal, visando a manutenção da voz cantada; desejavam obter

aprimoramento técnico e ampliar tanto a exploração vocal quanto a diversificação de seu repertório e; tinham interesse pela temática e disponibilidade de tempo para a pesquisa.

Coleta de dados

A coleta de dados integrou: Entrevistas abertas [Renata 04 e Adriano 08]; Observação participante – aulas de técnica vocal [Renata 12 e Adriano 06]; Cadernos de reflexão – minhas reflexões e anotações após as entrevistas e observações; Observações: ensaios pré-performance; gravação de CD em estúdio; apresentações; Outros materiais: material da internet; material de áudio e vídeo fornecidos pelos sujeitos da pesquisa.

As entrevistas e as observações foram gravadas (áudio) e posteriormente transcritas, totalizando 302 páginas (estudo de caso 1) e 166 páginas (estudo caso 2).

Análise dos dados

As transcrições de dados, as análises preliminares, bem como a continuidade da revisão de literatura e leituras teóricas que fazem o alinhavo desta pesquisa, dando mais fôlego às reflexões e análises, aconteceram paralelamente à minha inserção em campo.

Para organização e análise dos dados transcritos, foram desenvolvidos 5 passos apresentados por Bogdan e Biklen (1994): 1º) Leitura das entrevistas transcritas e numeração das páginas; 2º) Definição de categorias; 3º) Organização das categorias; 4º) Codificação e recorte dos dados; 5º) Redação final.

Foi a partir da análise das entrevistas que o formar e transformar do cantar diário começa a tomar corpo. Consigo me aproximar mais da formação vocal delineando algumas categorias que desenham um primeiro esboço da formação do cantar de cada estudo de caso. Muitas questões pertinentes à formação vocal diária nos relatos de Adriano e Renata convergem, divergem e andam paralelamente.

Para apresentar os dois estudos de caso, vou alinhar (a pontos largos) a trajetória de formação do cantar da Renata e do Adriano. Durante o “conto” de cada trajetória estão realçadas (**grifos** e CAIXA ALTA) as categorias analisadas, apresentando os títulos e capítulos do sumário da tese.

Estudo de caso 1 - Renata

Ao contar sua história do cantar nas suas PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM A MÚSICA, sobressai sua **Relação Com a Música e Incentivo dos Pais** a partir dos 3 anos de idade; seu **Ingresso na Escola de Música** aos 9 anos, onde teve aulas de **técnica vocal e teclado**. Nestas experiências Renata reflete sobre a sua relação com o tocar e estudar um instrumento e cantar. E mais tarde suas opções profissionais para além da música e com a música.

A voz de Renata soa em muitos espaços e de várias formas, apresenta em sua trajetória uma CARREIRA COMO PROFESSORA, uma profissão que é apresentada como um **Alinhavo Profissional e Ocasional**, pois iniciou muito jovem e não estava projetado. Sempre ligado a forma como soa e como utiliza sua voz, também está alinhavado o que é **Ser professora de Letras e Ser Professora de Música na Escola Rui Barbosa**.

Ter muitas responsabilidades e assumir muitas atividades também faz parte de como Renata conduz sua vida e de como é a sua rotina. Estas opções colocaram-na numa posição ENTRE CANTAR E DAR AULA. O seu fazer profissional provocava **Desgaste Vocal** que de forma assombrosa e não visível, alterou sua emissão vocal. Neste período **No Caminho Tinha uma Pedra** continuar cantando estava vinculado a **Fonoterapia** um processo terapêutico que lhe aproximou da própria voz.

Para além da minha ansiedade de pesquisa numa contínua observação sobre todos os cantares de Renata, estavam as expectativas daquilo que ela buscava nas aulas, e este processo é apresentado como ANSIEDADES NAS AULAS DE TÉCNICA VOCAL E AULAS DE TÉCNICA VOCAL.

Associado à minha curiosidade para além das aulas COMO SE PREPARA PARA O PALCO mostrou que a lógica não é a mesma que vemos nas orientações formais. A PREPARAÇÃO NOS ENSAIOS e a montagem de REPERTÓRIO também está muito mais ligada ao seu escutar cotidiano, às músicas que ouve na mídia e que seu público também aprecia. As aprendizagens estão muito conectadas às suas atividades profissionais, e o espaço de tempo para estudo é praticamente integrado ao palco e aos breves ensaios com a banda.

Renata não pensa muito como a sua voz formou, mas dá pinceladas de COMO IMAGINA A FORMAÇÃO VOCAL de outros cantores.

Nos PALCOS Renata fala de **Como É Cantar** nos diversos espaços, sua relação com o público, do repertório que canta, seus gostos e desgostos. **Os Palcos e os Cantares: diferenças** e as **Formas de Interpretar**, como percebe a voz de outras cantoras, o que busca fazer igual, como preserva sua voz, a manutenção dos tons das músicas. Renata apresenta como lida com o seu cantar possibilitando integrar um cantar profissional na sua rotina.

Estudo de caso 2 - Adriano

O Adriano apresenta uma trajetória que imprime uma frase “eu queria ser cantor” desde os 7 anos de idade, suas **Primeiras Experiências Com a Música**, cantando na igreja, gravando sua voz e imitando cantores representavam o lugar que este menino queria chegar. **Trabalhar, Estudar e Tocar** eram tarefas difíceis de conciliar para um jovem de 13 anos que ajudava a assumir as despesas da casa e da família. Começou a tocar e cantar de forma **Autodidata: aprendendo tocando e cantando**.

Sua carreira profissional de instrumentista e cantor teve **Início nas Bandas** de baile contando como foi este fazer e sua **Trajetoária nas Bandas** sobre ônibus coloridos, com os sucessos, repertórios e formas de lidar com produtores e músicos.

Seu cantar está conectado a PERFORMANCE E APRENDIZAGENS MUSICAIS, cantar em bailes é um fazer constante, subir e descer dos ônibus e dos palcos é quase uma atividade diária. Neste contar apresenta os **Espaços de Aprendizagem**, cantar em palco onde **Interpretar é Diferente de Aprender a Música**, o processo de **Escolha do Repertório** que acompanha o público, a mídia e o que o público quer escutar. Os momentos de **Estudo Fora do Palco** geralmente são vinculados à preparação para gravação ou aprendizagem de músicas novas. Conta como é a **Performance de Palco** o que pensa durante a performance. E desde muito cedo apresenta como prática de apreciação e autocrítica a **Gravação Como Forma de Aprimoramento** tanto na performance de palco como **Gravação da Voz** para ajustes e aprimoramento vocal na **Formação do Cantor**.

No seu percurso profissional a TÉCNICA VOCAL surge para complementar um tratamento fonoterápico, suas referências anteriores deste fazer terapêutico sempre fizeram conexão com as aulas e reflexões sobre a produção vocal. O texto também é composto por narrativas **Sobre Aulas de Técnica Vocal** o que buscava e como percebia os

exercícios. Apresenta uma **Técnica Vocal Intuitiva** pois já sabia cantar, e **Procedimentos de Uma Técnica Vocal**.

Dos espaços que a voz foi trabalhada, na fonoterapia, aulas, ou conversas sobre os CUIDADOS COM A SAÚDE VOCAL foram hábitos que passaram a integrar seu fazer como cantor.

Adriano apresenta uma forma de ser muito empreendedora, muito reflexiva e atenta aos seus PROJETOS DE CARREIRA E PROFISSÃO. Pelos ganhos e agruras da profissão Adriano **Reflete Sobre a Trajetória**, fala de **Projetos Futuros** para além das bandas, buscando realizar seu sonho de gravar um CD solo e ter uma carreira de cantor solo. Ainda, sobre suas vivências e experiências discorre sobre **O Mercado Musical: dificuldades e concorrência**.

Transversalizando os dados

No manejo do material empírico, o cantar foi observado em vários espaços como algo que não ocupa lugar, mas que demanda tempo, ou seja, entre uma canção e outra já estamos com um novo tempo. E é nesse espaço de tempo que o cantor, seduzido pelo próprio cantar, forma e transforma o seu cantar. A formação do cantar está presente em quase todos os momentos preenchidos pelo cantar: ela é um tecido invisível tramado e imperceptível, não ocupa espaço nem tempo, pois acontece no mesmo tempo e espaço do cantar. E é nesse tempo, que parece estar perdido, que se encontram muitos alinhavos invisíveis, muitas apreensões musicais e vocais.

O canto é minha vida

O cantar desses sujeitos funde a paixão pelo que fazem e espontaneidade no fazer. Nem eles nem essa pesquisadora-escritora consegue imaginar Adriano e Renata sem cantar. Isso provocaria um deslocamento desses sujeitos, tirando-os de um lugar que os apresenta e representa.

A trajetória do cantar dos dois estudos de caso apresenta um pequeno “tropeço”, uma pequena interrupção na emissão vocal, mas não em sua formação. A alteração vocal que ambos sofreram em função do abuso e do mau uso da voz apresenta-se inicialmente

como um tropeçar no próprio percurso. É um quase perder o que identifica e, em alguns casos, o que dá sustento ou permite ao sujeito cantante existir em determinado contexto. Sem cantar, esse sujeito deixa de existir e, para sobreviver, terá de inventar outra forma de vibrar, de ser e de se relacionar.

Aquilo que quase perdeu [o cantar] também serviu para refletir sobre qual é o lugar: como cheguei até aqui e como vou adiante? Um tropeço, então, pode ser um momento de reflexão, de pensar sobre a formação, de situar o cantar em outro lugar que não seja somente o lugar que o outro valoriza. Pode ser um momento em que o sujeito cantante apropria-se de seu cantar, em que percebe que isso é dele e em que se permite pensar no lugar onde quer que o seu cantar seja colocado. É um momento de repensar muitas coisas antes que se perca por não perceber que existiu uma formação, um investimento, uma aposta e uma construção do cantar que compõe e representa esse sujeito.

O cantar é do sujeito, mas o sujeito estará sempre se relacionando com alguma coisa, com alguém. Similarmente, o cantar que é do sujeito também será transformado por ele através das inúmeras estratégias e maneiras de lidar com a composição cotidiana dessa formação. O cantar no presente que forma e transforma, que formou e se transformou no passado. Um cantar que soará.

Um cantar que soará no futuro? São poucas as passagens das entrevistas transcritas que apresentam uma preparação para um cantar futuro. O cantar situa-se no presente, a formação é contínua, a reflexão dos sujeitos cantantes não está voltada para a construção vocal e técnica de uma sonoridade vocal, porque ela já existe e faz parte da vida deles. A formação do cantar do sujeito cantante está integrada, de maneira quase invisível e despercebida, a um cotidiano rotineiro e inusitado.

Ser ou Não Ser Um(a) Cantor(a)

Na infância dos sujeitos cantantes aqui pesquisados, havia o sonho de ser cantor e existia um cantar experimental, no sentido de exploração vocal e ajustes musicais ou de performance. O palco desde muito cedo e as gravações sempre presentes. Um cantar incentivado e aceito. Um cantar que formava os sujeitos.

Na adolescência, havia um cantar que buscava espaço, que explorava palcos, que imitava seus ídolos e que começava a disputar lugar entre as escolhas profissionais. Hoje, na idade adulta, há um cantar que perpassa essas experiências e tantas outras para além do cantar. Ambos são cantores profissionais. Entretanto, o canto como profissão mistura-se a outras áreas de atuação profissional. Nessas escolhas está estampada a paisagem do mercado musical, restando a seguinte questão: o que existe nesse contexto que leva profissionais como Renata e Adriano a vacilar entre “ser ou não ser”?

Adriano apresenta uma trajetória ao longo da qual, por um bom tempo de sua vida, conseguiu manter a música como profissão. Tem uma visão ampla dessa profissão: “aprendi na rua” e “sou um cara vivido” são expressões que utiliza para falar das agruras da vida de cantor de baile. Em função disso, passou por um processo de troca de bandas com propostas que valorizavam mais os músicos e o trabalho do cantor; foi sócio de uma das bandas na tentativa de colocar em prática o que aprendeu e o que percebia em relação à profissão de músico e à projeção das bandas de baile, entre outras experiências. Ele cansou desse fazer, e nem mesmo um bom salário o manteve nessa profissão, já que passou a valorizar outras prioridades que haviam ficado de lado. O cantar provedor, rotineiro e isolado perde, então, o seu encanto.

Renata fala da opção pelo canto como profissão quando se refere à possível perda vocal em função do trabalho como professora: “Se eu tivesse que escolher entre cantar e fazer outra coisa, eu escolheria cantar” (R2e, p. 1). Contudo, ela não apresenta seu fazer como cantora em uma perspectiva profissional como modo de se manter e de dar sustento financeiro. Canta por cachê, apresenta-se por contratos, mas tem seu emprego fixo como professora de uma instituição de ensino particular. Em um comentário recente ela revelou que até pensava em ser uma cantora de sucesso e que “achava legal” se desse certo. O que Renata não consegue imaginar, no entanto, é a sobrecarga e a rotina dessa profissão.

Ter ou Não Ter Curso Superior

A formação acadêmica de que Renata e Adriano falam é uma formação necessária para a ampliação das possibilidades profissionais de modo geral. O que a formação acadêmica em música mudaria ou acrescentaria em termos profissionais no seu fazer como

cantores? Essa formação mudaria o cantar de Renata ou de Adriano no palco?

Hoje, tal resposta está vinculada à trajetória de cada um dos sujeitos cantantes, às opções profissionais e pessoais, que quase sempre estão relacionadas à qualidade de vida e família. No “curso da vida”, ambos aprenderam a cantar e a reconhecer o lugar do próprio cantar. Adriano menciona os lugares onde trabalhou e aquilo que conseguiu apreender para compor e “ser cantor”, ou seja, em quase todas as experiências relatadas por ele o cantar está presente.

Essas respostas e perguntas são temporais: em cada fase da vida dos sujeitos cantantes, elas provavelmente seriam respondidas de maneiras diferentes. E a formação acadêmica poderia fazer parte da formação do cantar, estando agregada às suas performances. No estudo de caso 2, vem à tona a falta de recursos financeiros, o que impossibilitou a participação de Adriano em cursos de aprimoramento instrumental. Não ter aulas de instrumento assistidas não impediu a formação músico-vocal de Adriano, embora ele mesmo reconheça que a possibilidade de ter esse acompanhamento aceleraria seu processo de aprendizagem instrumental.

Essas questões permearam outras trilhas da trajetória do estudo de caso 1, apesar de Renata ter tido uma educação musical contínua em escola de música. A formação do cantar impressa em sua trajetória implica outros espaços e outras formas de se relacionar com o seu cantar. Renata teve a oportunidade de integrar uma educação formal de música com as inúmeras experiências músicos-vocais de sua trajetória.

Considerações finais

O olhar para os dois sujeitos cantantes, na descrição dos dois estudos de caso, apresentados quase em um formato de “conto reflexivo” que visa à fluência da leitura e à ilustração de duas trajetórias de vida, da formação do cantar no cotidiano de dois sujeitos cantantes. A escolha dos recortes das entrevistas transcritas e as reflexões foram inspiradas em Pais (1986, 1993, 2003), Josso (2004, 2005, 2006, 2007 e 2012) e Souza (2000 e 2008), possibilitando dar significado às palavras e experiências cotidianas dos sujeitos cantantes, compondo uma trama que forma e transforma o cantar e o próprio sujeito.

Pensar a pesquisa como um processo de formação do sujeito cantante permite pensar outras metodologias de formação do cantar. Ao contar a história do próprio cantar para alguém que está interessado nela, tem-se aí a oportunidade de o sujeito cantante reconhecer que essas experiências foram importantes para a sua formação. Refletir sobre elas possibilita-lhe perceber que ele sabe fazer [cantar] e conhece como apreendeu esses saberes. Acredito que em um processo de ensino e aprendizagem do cantar: Escutar a experiência de vida do cantor é possibilitar-lhe a formação de um cantar que pertence e já faz parte deste sujeito. Não escutar suas experiências é como não escutar a sua voz.

A trama de formação de cada estudo de caso representa, para um professor de canto atento, muitas estratégias de ensino, muitas maneiras de lidar com isso e apreender conteúdos relacionados ao canto e à música. Também mostra como, às vezes, eu [professora] fui/sou ingênua ao repetir nas aulas como eu havia apreendido o meu cantar.

Na tentativa de compreender como Renata e Adriano formam o seu cantar no cotidiano, isso afeta e transforma a minha ação pedagógica como professora. Desestabiliza e desassossega proporcionando um novo olhar sobre o ensino do canto.

Penso que a maior contribuição desta pesquisa esteja na sensibilização dos possíveis leitores da área do canto, de educação, de educação musical e de outras áreas afins acerca da ampliação do olhar sobre a formação do cantar que acontece para além dos espaços formativos que conhecemos e vivenciamos. Uma formação que também está no cotidiano e na memória de histórias peculiares e únicas. Um olhar que considere as contribuições de teorias que não separam o sujeito cantante do seu próprio cantar.

Referências

BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo (orgs.). A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 2008

BOGDAN; Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. Formação de adultos: aprender a viver e a gerir as mudanças. In: CANÁRIO, Rui; CABRITO, Belmiro (orgs.). Educação e formação de adultos: mutações e convergências. Lisboa: Educa, 2005. (p. 115-126)

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 3, n. 63, p. 413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PAIS, José Machado. Sociologia da vida quotidiana: uma introdução. Análise Social, v. XXII, n. 90, p. 7-57, 1986-1.

PAIS, José Machado. Nas rotas do quotidiano. Revista Crítica de Ciências Sociais, Lisboa, n. 37, p. 105-115, 1993.

PAIS, José Machado. Vida cotidiana: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Jusamara (org.). Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.

SOUZA, Jusamara (org.). Aprender e ensinar música no cotidiano. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SPECHT, Ana Claudia. Formando e se transformando no cantar: dois estudos de caso. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre, 2015.

STAKE, Robert E. Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.